

POR QUE EU NÃO SOU UM DUALISTA DE PROPRIEDADES¹

JOHN ROGERS SEARLE

Department of Philosophy
University of California at Berkeley

Tradução:

JOSÉ RENATO FREITAS RÊGO

Graduando em Filosofia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Integrante do grupo de Estudos em Filosofia da Mente e Linguagem (UESB)
E-mail: renatofreitas88@gmail.com

JULIANA DE ORIONE ARRAES FAGUNDES

Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia – UFBA
Professora Assistente do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH)
da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).
Coordenadora do Grupo de Estudos em Filosofia da Mente e Linguagem (UESB).
E-mail: julianadeorione@hotmail.com

Eu tenho argumentado em diversos escritos² que a parte filosófica (embora não a parte neurobiológica) do tradicional problema mente-corpo tem uma solução óbvia e razoavelmente simples: todos os nossos fenômenos mentais são causados por processos neuronais de nível inferior no cérebro e são, eles mesmos, percebidos [*realized*] no cérebro como características de nível alto³ ou de sistema. A forma de causação é “de baixo para cima” [*bottom up*], de modo que o comportamento de elementos de nível baixo, presumivelmente neurônios e sinapses, causa as características da consciência e da intencionalidade, que são de nível alto ou de sistema. (Esta forma de causação, a propósito, é comum na natureza; por exemplo, a característica de nível alto da solidez é causalmente explicada pelo comportamento dos elementos de nível baixo, as moléculas.) Porque essa posição enfatiza o caráter

1 Originalmente publicado em *Journal of Consciousness Studies*, ano 9, número 12, 2002, p. 57-64, sob o título *Why I Am Not a Property Dualist*. Tradução autorizada pelo autor em 02 de outubro de 2014 (N. dos T.).

2 Inicialmente em SEARLE (1983); posteriormente em SEARLE (1984; 1992), e outros escritos.

3 Optamos por traduzir *higher-level* (com hífen) por “nível alto” para diferenciar de *higher level* (sem hífen), que foi traduzido como “nível superior”. O mesmo vale para *lower-level* (“nível baixo”) e *lower level* (“nível inferior”) (N. dos T.).

biológico do mental, e porque trata fenômenos mentais como partes comuns da natureza, eu a rotulei como “naturalismo biológico”.

Para muitas pessoas, o naturalismo biológico se parece bastante com o dualismo de propriedades. Porque eu acredito que o dualismo de propriedades é equivocado, gostaria de tentar esclarecer as diferenças entre as duas abordagens e tentar expor as fraquezas do dualismo de propriedades. Este curto trabalho tem, então, os dois tópicos expressos pelo duplo significado em seu título: por que minhas visões não são as mesmas que as do dualismo de propriedades e por que eu considero o dualismo de propriedades inaceitável.

Há, é claro, diversos problemas 'mente-corpo' diferentes. Aquele que mais me interessa neste artigo é a relação entre consciência e processos cerebrais. Penso que as conclusões da discussão se estenderão a outras características do problema mente-corpo, tais como, por exemplo, a relação entre intencionalidade e processos cerebrais, mas por uma questão de simplicidade me concentrarei na consciência. Para os fins desta discussão, o 'problema mente-corpo' é um problema sobre como a consciência se relaciona com o cérebro.

O problema mente-corpo, tal como interpretado [*so construed*], persiste na filosofia por causa de duas limitações intelectuais de nossa parte. Primeiro, nós realmente não entendemos como processos cerebrais causam a consciência. Segundo, nós continuamos a aceitar um vocabulário tradicional que contrasta o mental e o físico, a mente e o corpo, o espírito e a carne, de um modo que penso ser confuso e obsoleto. Não consigo superar nossa ignorância neurobiológica, mas posso, no mínimo, tentar superar nossa confusão conceitual, e isto é uma das coisas que tentarei fazer neste artigo.

Penso que, por causa dessas duas limitações – nossa ignorância sobre como o cérebro opera e nossa aceitação do vocabulário tradicional –, muitas pessoas consideram o dualismo de propriedades atraente. Antes de criticá-lo, quero tentar explicar [*account for*]⁴ sua atratividade expondo a tese com tanta plausibilidade quanto eu puder. É claro que há versões diferentes do dualismo de propriedades,

⁴ A expressão “account for” foi traduzida, neste trabalho, de duas formas diferentes: *explicar* e *descrever*. Esta inconsistência se deve à adequação da expressão aos diferentes contextos em que está inserida. Tal sugestão (entre outras) foi feita por um dos dois pareceristas que avaliaram a tradução. Agradecemos a ambos pela atenção dedicada ao trabalho (N. dos T.).

mas o que eu espero expor é a versão mais próxima às minhas próprias opiniões e, conseqüentemente, a que considero mais desafiadora. Nada direi sobre o 'monismo neutro' [*neutral monism*], panpsiquismo [*panpsychism*] ou as várias formas de teorias de 'aspecto dual'. Percebam que, para apresentar argumentos a favor do dualismo de propriedades, tenho de utilizar a terminologia tradicional que mais tarde rejeitarei.

Eis como o mundo se parece para o dualista de propriedades:

Há, claramente, uma diferença entre a consciência e o mundo material ou físico. Sabemos disso a partir de nossa própria experiência, mas isso também é óbvio a partir da ciência. O mundo material é publicamente acessível e é praticamente como descrito pela física, química, e as outras ciências duras; mas o mundo consciente, experiencial e fenomênico, não é publicamente acessível. Ele tem uma existência privada distinta. Sabemos disso com certeza a partir das nossas experiências internas, privadas e subjetivas. Todos nós sabemos que o mundo privado da consciência existe, e sabemos que ele faz parte do mundo real, e nossa questão é descobrir como ele se encaixa no mundo material público; especificamente, precisamos saber como ele se encaixa no cérebro.

Porque nem a consciência nem a matéria são redutíveis uma à outra, elas são fenômenos distintos e diferentes no mundo. Aqueles que acreditam que a consciência é redutível à matéria são chamados materialistas; aqueles que acreditam que a matéria é redutível à consciência são chamados idealistas. Ambos estão equivocados pela mesma razão: tentam eliminar algo que realmente existe por si mesmo [*in its own right*] e que não pode ser reduzido a outra coisa. Agora, porque tanto o materialismo quanto o idealismo são falsos, a única alternativa razoável é o dualismo. Mas o dualismo de substâncias [*substance dualism*] parece fora de questão por diversas razões. Por exemplo, ele não consegue explicar como essas substâncias espirituais [*spiritual substances*] vieram a existir, em primeiro lugar, nem como elas se relacionam com o mundo físico. Então, o dualismo de propriedades parece a única posição razoável do problema mente-corpo. A consciência realmente existe, mas não é uma substância autônoma [*separate substance on its own*], e sim uma propriedade do cérebro.

Podemos resumir o dualismo de propriedades nas quatro proposições seguintes. As três primeiras são afirmações endossadas pelos dualistas de propriedades e a quarta é uma consequência aparente ou dificuldade derivada das três primeiras:

(1) Há duas categorias metafísicas mutuamente excludentes que constituem toda a realidade empírica: são os fenômenos físicos e mentais. Fenômenos físicos são essencialmente objetivos no sentido de existirem à parte de quaisquer experiências subjetivas de humanos ou animais. Fenômenos mentais são subjetivos, no sentido de somente existirem como experienciados [*experienced*] por agentes humanos ou animais.

(2) Porque estados mentais não são redutíveis a estados neurobiológicos, eles são algo *distinto e além*⁵ [*over and above*] dos estados neurobiológicos. A irreducibilidade do mental ao físico, da consciência à neurobiologia, é por si prova suficiente da distinção do mental, e prova de que o mental é algo além [*over and above*] do neurobiológico.

(3) Fenômenos mentais não constituem objetos ou substâncias separados, mas sim características ou propriedades da entidade complexa [*composite entity*], a qual é um ser humano ou um animal. Então, qualquer animal consciente, tal como um ser humano, terá dois tipos de propriedades: propriedades mentais e físicas.

(4) O principal problema para os dualistas de propriedades é que, dadas essas suposições, como a consciência pode operar causalmente? Há duas possibilidades, e nenhuma delas parece atrativa. Primeiro, suponhamos, como parece razoável, que o universo físico é causalmente fechado. É fechado no sentido de que nada fora dele, nada não físico, poderia jamais causar efeitos no universo físico. Se é assim, e a consciência não faz parte do universo físico, então parece que ela deve ser epifenomenal. Toda a nossa vida consciente não desempenha papel algum em nossos comportamentos.

Por outro lado, podemos supor que o universo físico não seja causalmente fechado, que a consciência possa operar causalmente na produção de comportamento físico. Mas isto parece nos levar da frigideira ao fogo, porque sabemos, por exemplo, que quando eu levanto meu braço há uma história a ser contada no nível de disparos de neurônios, neurotransmissores e contrações musculares que é suficiente para descrever [*account for*] o movimento do meu braço. Então, se supusermos que a consciência também funciona no movimento do meu braço, então parece que temos duas histórias causais distintas, nenhuma redutível à outra; e para colocar muito brevemente a questão, meus movimentos corporais têm muitas causas. Nós temos superdeterminação causal [*causal overdetermination*].

O dualista de propriedades tem uma concepção de consciência e da relação

5 Optamos por traduzir *over and above* por “além”. Por ser uma expressão importante no texto, manteremos o termo original em colchetes (N. dos T.).

dela com o resto da realidade que eu acredito ser profundamente equivocada. Posso explicitar melhor minhas diferenças com o dualismo de propriedades expondo como eu lidaria com esses mesmos assuntos.

(1) Não há duas (ou cinco ou sete) categorias ontológicas fundamentais, mas sim o ato próprio de categorização é sempre relativo ao interesse. Por essa razão a tentativa de responder a questões como “Quantas categorias metafísicas fundamentais existem?”, tal como posto, não tem sentido. Vivemos exatamente em um mundo e existem tantas maneiras diferentes de dividi-lo quantas você quiser. Além do eletromagnetismo, da consciência e da atração gravitacional, há declínios em taxas de juros, pontos marcados em partidas de futebol americano, razões para suspeitar da lógica modal quantificada, e resultados eleitorais na Flórida. Agora, rápido, os resultados eleitorais foram mentais ou físicos? E quanto aos pontos marcados numa partida de futebol americano? Eles existem apenas na mente do pontuador [*scorekeeper*] ou seriam melhor considerados, em última análise, fenômenos eletrônicos no placar? Penso que essas não são questões interessantes, tampouco significantes. Vivemos em um só mundo, e ele tem muitos tipos diferentes de características. Minha posição não é um 'pluralismo', se esse termo sugere que exista um princípio de distinção dos elementos da pluralidade não arbitrário e desinteressado. Uma distinção útil, para certos propósitos, deverá ser feita [*is to be made*] entre o biológico e o não biológico. No nível mais fundamental, a consciência é um fenômeno biológico, no sentido de que é causada por processos biológicos, é, ela mesma, um processo biológico e interage com outros processos biológicos. A consciência é um processo biológico como a digestão, a fotossíntese ou a secreção da bile. É claro que nossas vidas conscientes são moldadas por nossa cultura, mas a cultura é, ela mesma, uma expressão de nossas capacidades biológicas subjacentes.

(2) Então, o que dizer da irreduzibilidade? Esta é a distinção crucial entre minha posição⁶ e o dualismo de propriedades. A consciência é causalmente redutível aos processos cerebrais, porque todas as características da consciência resultam causalmente de processos neurobiológicos acontecendo no cérebro, e a consciência não tem poderes causais próprios além dos poderes causais da neurobiologia

⁶ Preferimos usar o termo “posição”, para manter o padrão de tradução do substantivo “view”.

subjacente. Mas, no caso da consciência, a redutibilidade causal não leva à redutibilidade ontológica. Do fato de que a consciência é inteiramente resultado causal de disparos de neurônios, por exemplo, não se segue que a consciência não seja nada além de disparos de neurônios. Por que não? Qual a diferença entre a consciência e os outros fenômenos que se submetem a uma redução ontológica baseada em uma redução causal, fenômenos como cor e solidez? A diferença é que a consciência tem uma ontologia de primeira pessoa: isto é, ela só existe *como experienciada* [*as experienced*] por algum humano ou animal e, portanto, não pode ser reduzida a algo que tenha uma ontologia de terceira pessoa, algo que exista independentemente de experiências. É tão simples como isso.

O dualista de propriedades e eu estamos de acordo que a consciência é ontologicamente irreduzível. Os pontos-chave de desacordo são que eu insisto que, a partir de tudo que sabemos sobre o cérebro, a consciência é causalmente redutível a processos cerebrais; e por essa razão eu nego que a irreduzibilidade ontológica da consciência implique que ela seja algo “além” [*over and above*], algo distinto de sua base neurobiológica. Não, causalmente falando, não há nada lá, exceto a neurobiologia, a qual contém a consciência como uma característica de nível superior. De um modo similar, não há nada num motor de carro exceto moléculas, as quais têm características de nível superior tais como a solidez do bloco de cilindros, a forma do pistão, o disparo da vela etc. 'Consciência' não dá nome a um fenômeno distinto, separado, algo além [*over and above*] de sua base neurobiológica, mas sim dá nome a um estado no qual o sistema neurobiológico pode estar. Assim como a forma do pistão e a solidez do bloco de cilindros não são algo além [*over and above*] dos fenômenos moleculares, mas são, sim, estados do sistema de moléculas, também a consciência do cérebro não é algo além [*over and above*] dos fenômenos neuronais, mas sim um estado no qual o sistema neuronal está.

Então, há um sentido no qual a consciência é redutível: a marca da realidade empírica é a posse de relações de causa e efeito, e a consciência (como outras características de sistema) não tem relações de causa e efeito além daquelas de sua base microestrutural. Não há nada em seu cérebro, exceto neurônios (junto com células da glia, fluxo sanguíneo e todo o resto), e às vezes um grande pedaço do

sistema tálamo-cortical é consciente. O sentido no qual, embora causalmente redutível, ela [a consciência] é ontologicamente irreduzível, é que uma descrição completa das características cerebrais objetivas de terceira pessoa não seria uma descrição de suas características subjetivas de primeira pessoa.

(3) Eu digo que a consciência é uma característica do cérebro. O dualista de propriedades diz que a consciência é uma característica do cérebro. Isso cria a ilusão de que estamos dizendo a mesma coisa. Mas não estamos, como espero que minha resposta aos pontos 1 e 2 deixe claro. O dualista de propriedades defende que *além de [in addition to]* todas as características neurobiológicas do cérebro, há uma característica do cérebro extra, distinta e não-física; enquanto eu defendo que a consciência é um estado em que o cérebro pode estar, do mesmo modo que a liquidez e solidez são estados em que a água pode estar.

Eis onde a inadequação da terminologia tradicional se mostra mais obviamente. O dualista de propriedades quer dizer que a consciência é uma característica mental e, portanto, não-física, do cérebro. Eu quero dizer que a consciência é uma característica mental e, portanto, biológica e física, do cérebro. Mas, porque o vocabulário tradicional foi projetado para contrastar o mental e o físico, eu não posso dizer o que quero dizer, no vocabulário tradicional, sem soar como se estivesse dizendo algo inconsistente. Similarmente, quando os teóricos da identidade [*identity theorists*] disseram que a consciência não é nada mais que um processo neurobiológico, eles defendiam que a consciência, como fenomenologicamente qualitativa, subjetiva e irreduzível (de contos de fadas, cheia de não-me-toques⁷ etc.) nem sequer existe, e que somente existem processos neurobiológicos de terceira pessoa. Eu também quero dizer que a consciência não é nada mais que um processo neurobiológico, e com isso eu quero dizer que, precisamente porque a consciência é fenomenologicamente qualitativa, subjetiva e irreduzível (de contos de fadas, cheia de não-me-toques etc.), ela tem de ser um processo neurobiológico; porque, até então, nós não encontramos nenhum sistema que possa causar e perceber estados conscientes, exceto os sistemas cerebrais.

7 Numa das marcas de oralidade e quase informalidade do texto, neste parêntese, o autor utilizou as expressões *airy fairy* e *touchy feely*, as quais não são literalmente traduzíveis à língua portuguesa (N. dos T.).

Talvez um dia sejamos aptos a criar artefatos conscientes, casos em que os estados de consciência subjetivos serão características 'físicas' daqueles artefatos.

(4) Porque a consciência irreduzível não é nada além de sua base neural, os problemas do epifenomenalismo e do fechamento causal do físico simplesmente não surgem para mim. É claro que o universo é causalmente fechado, e podemos chamá-lo de 'físico', se preferirmos; mas não podemos dizer 'físico' como o oposto de 'mental'; porque é igualmente óbvio que o mental é parte da estrutura causal do universo do mesmo modo que a solidez dos pistões; muito embora a solidez seja inteiramente resultante do comportamento molecular, e a consciência seja inteiramente resultante do comportamento neuronal. Os problemas do epifenomenalismo e do fechamento causal do físico somente podem surgir se se utiliza a terminologia tradicional e se se levam a sério suas implicações. Eu estou tentando nos fazer abandonar essa terminologia.

Mas se a consciência não tem poderes causais adicionais à sua base neurobiológica, então isso não implica em epifenomenalismo? Não. Compare: a solidez do pistão não tem poderes causais adicionais à sua base molecular, mas isto não mostra que a solidez seja epifenomênica (tente fazer um pistão de manteiga ou água). A questão ficaria melhor assim: por que alguém suporia que a redutibilidade causal implica em epifenomenalismo, já que o mundo real é cheio de características de nível alto causalmente eficazes, causadas por microfenômenos de nível baixo? Neste caso, a resposta é: porque eles pensam que a consciência seja algo distinto ou algo “além” [*over and above*] de sua base neuronal. O dualista de propriedades típico pensa que o cérebro “dá origem à” [*gives rise to*] consciência, e isto nos dá uma imagem da consciência como emanada do cérebro como uma panela de água fervente emana vapor d'água. Na versão epifenomenalista do dualismo de propriedades, a consciência emanada não tem poderes causais próprios, embora seja causada pelo cérebro. Na versão forte [*full-blooded*], a consciência tem um modo de vida próprio, capaz de interferir com o mundo material.

Eu penso que todo esse modo de pensar a matéria está profundamente equivocado e eu quero explicar este ponto com um pouco mais de detalhe. O dilema de o epifenomenalismo ou a superdeterminação causal [*causal overdetermination*] poder, ao menos, parecer ser um problema ao dualismo de propriedades é um

sintoma de que algo está radicalmente errado com essa teoria. Ninguém pensa que somos forçados a postular que a solidez seja epifenomenal em razão de ela não ter poderes causais além dos poderes causais das estruturas moleculares, nem que, se reconhecemos os poderes causais da solidez, seremos forçados a postular a superdeterminação causal, porque agora o mesmo efeito pode ser explicado em termos do comportamento das moléculas ou da solidez de toda a estrutura. E o que acontece com a solidez, acontece com a fotossíntese, digestão, eletricidade, terremotos, furacões no Kansas, e praticamente tudo o mais que normalmente citamos em explicações causais. Em todos os casos o fenômeno de nível alto é causalmente redutível à sua base microestrutural, exatamente do mesmo modo que a consciência é causalmente redutível à sua base microestrutural. Por que nós estamos inclinados a cometer esse equívoco com a consciência, quando não pensaríamos em cometê-lo com outros fenômenos causais? Penso que a resposta é óbvia. Porque o vocabulário tradicional nos diz que o mental e o físico são duas categorias ontológicas distintas, e também porque a consciência não é ontologicamente redutível à sua base neuronal, presumimos que ela não é uma parte do mundo físico, do modo que estes outros fenômenos são. Esse é o mais profundo equívoco do dualismo de propriedades. E isso é precisamente o que me separa dele. O problema não é somente que tenhamos um vocabulário obsoleto do século XVII que contrasta o mental e o físico, mas também, que tenhamos um conceito errado [*misconception*] da natureza da redução. Redução causal não implica necessariamente redução ontológica, embora, tipicamente, onde haja uma redução causal, como no caso da liquidez, solidez e cor, tendemos a fazer uma redução ontológica. Mas a impossibilidade de uma redução ontológica, no caso da consciência, não a dá nenhum *status* metafísico misterioso. A consciência não existe num domínio separado e não tem nenhum poder causal além daqueles de sua base neuronal, não mais do que a solidez tenha qualquer poder causal extra além da sua base molecular.

O materialismo e o dualismo estão tentando dizer algo verdadeiro, mas ambos acabam dizendo algo falso. O materialista está tentando dizer, verdadeiramente, que o universo consiste apenas de fenômenos materiais, tais como partículas físicas em campos de força. Mas ele termina por dizer, falsamente, que

estados de consciência irreduzíveis não existem. O dualista está tentando dizer, verdadeiramente, que estados de consciência ontologicamente irreduzíveis existem, mas ele termina por dizer, falsamente, que estes estados não são partes comuns do mundo físico. O truque é expor a verdade em cada posição sem dizer a falsidade. Para fazer isso, temos de desafiar as suposições por trás do vocabulário tradicional. O vocabulário tradicional baseia-se na suposição de que se algo é um estado de consciência no sentido estrito – se é interno, qualitativo, subjetivo etc. - então não pode, em relação a isso, ser físico ou material. E, inversamente, se algo é físico ou material, então não pode, por conta disso, ser um estado de consciência. Uma vez que se abandonem os pressupostos por trás do vocabulário tradicional, não é difícil expor a verdade. De fato, o universo consiste inteiramente de partículas físicas em campos de força (ou o que quer que, em última análise, a verdadeira física descubra), e elas são organizadas tipicamente em sistemas; alguns dos sistemas são biológicos, e alguns dos sistemas biológicos são conscientes. A consciência é, assim, uma característica comum de certos sistemas biológicos, do mesmo modo que a fotossíntese, digestão e a lactação são características comuns de sistemas biológicos.

ADDENDUM

Há um assunto importante que eu não persegui neste artigo, mas quero, ao menos, levantar como um problema adicional ao dualismo de propriedades. Não é absolutamente fácil ver como o dualista de propriedades consegue sustentar, simultaneamente, que a consciência seja uma propriedade ou característica do cérebro e que exista um dualismo metafísico do mental e do físico. Como, em resumo, o dualista de propriedades consegue evitar cair no dualismo de substâncias? A dificuldade se mostra nas metáforas que o dualista de propriedades utiliza para expressar a tese. As metáforas típicas são que a consciência é algo “além” [*over and above*] dos processos cerebrais, que os cérebros “dão origem à” consciência e, é claro, que a consciência é uma propriedade “emergente” do cérebro. Mas todas essas metáforas sugerem que a imagem que o dualista tem é que a

consciência seja algo separado do cérebro. Eu disse que o dualista de propriedades pensa a consciência como o vapor d'água subindo de uma panela de água fervente, mas aqui está uma nova imagem sugerida por essas metáforas: nós devemos pensar [*we are to think*] a consciência como a cereja do bolo [*frosting on the cake*] do cérebro (e na sua versão panpsiquista, a cereja do universo inteiro). A cereja é algo distinto do bolo e está em cima (além [*over and above*] dele). Tenho argumentado que estas são as imagens erradas. A imagem verdadeira, se vamos persistir na metáfora do bolo, é que a consciência é o estado em que o bolo (cérebro) está. Oficialmente, o dualista de propriedades diz que a consciência é uma propriedade do cérebro; mas se você considerar propriedades incontestáveis do cérebro, como peso, forma, cor, solidez etc., ninguém diz que elas “surgem do” [*arise from*] ou estão “além” [*over and above*] do cérebro; e somente num sentido especial algumas delas podem ser descritas como “emergentes” [*emergent*] (cf. SEARLE, 1992, p. 111-112), e certamente não como “emergentes do” [*emergent from*] cérebro. A pretensão oficial é que a consciência seja uma propriedade, não uma coisa, objeto ou substância. Mas essa pretensão é inconsistente com a concepção de consciência como algo que está “além” [*over and above*], que o cérebro “dá origem a” etc.; esta concepção requer que a consciência seja uma coisa ou objeto separado, ou um tipo de entidade sem propriedades [*non-property type of entity*]. O dualismo, no dualismo de propriedades, os força a postular uma entidade separada. Ironicamente, o próprio dualismo da imagem dualista de propriedades torna impossível afirmar a teoria sem implicar numa versão de dualismo de substâncias.

REFERÊNCIAS

- SEARLE, J. R. *Intentionality: An essay in the Philosophy of mind*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
SEARLE, J. R. *Minds, brains and science*. Cambridge: Harvard University Press, 1984.
SEARLE, J. R. *The rediscovery of the mind*. Cambridge: MIT Press, 1992.